

Inconsistências

por Hudson Malta/2007 – www.hudsonmalta.com

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial deste texto sem o expresso consentimento do autor.

Pois é, todos sabemos o valor da arte e sua capacidade de nos dizer algo. O problema é que antes da arte vem a vida, e como espelho desta, as manifestações artísticas mais simples podem chocar, mesmo quando não era esse o objetivo.

Conto aqui uma história que aconteceu recentemente. Era uma apresentação musical em uma unidade dessa conhecida instituição nacional mantida pelo comércio, com forte presença artística nas cidades onde reside. Não me referirei detalhadamente a locais nem nomes, atendo-me ao mínimo necessário, o que não comprometerá a história. O que vale é o questionamento que fiz naquele dia.

Bem, era uma apresentação de um grupo de *Brazilian Jazz*, com grandes músicos conhecidos e reconhecidos no meio, liderados por um grande guitarrista niteroiense. Esta casa freqüentemente sedia eventos deste tipo, e sempre são reuniões alegres e descontraídas de amigos, a maioria artistas, e muitos músicos. O “barzinho”, local tradicional para apresentações nesta unidade, é parecido com um pub inglês, de espaço pequeno e aconchegante, “tijolinho a vista”, que sempre jorra “músicos pelo ladrão”. Um local memorável, inesquecível para quem já foi. Quando não há espaço, sentamos no chão mesmo. Nunca fora diferente, até aquele dia.

Cheguei 30 minutos atrasado, como de praxe. Entrei no “pub” e me choquei. Tudo estava estranhamente organizado: banda tocando (“ué, sempre atrasam...”), mesas arrumadas com lenços enfeitando as taças (“ué, cadê as latas de cerveja?”), uma gente diferente, estranhamente arrumadinha, degustando pratos finos (“ué, cadê a pizza fria?”), e com narizes soberbamente empinados (“ué, cadê os amigos músicos?”). Percebi que haviam apenas uns três ou quatro camaradas de pé, entre eles, eu. Uma aura estranha pairava no local, a despeito da excelente música que era produzida pela banda. “Que coisa estranha, tá tudo tão... certinho, tão... plastificado!”, pensava eu, tentando me sentir menos deslocado naquele que era meu local preferido para encontros com a turma.

Então, os amigos músicos, largados e livres, começaram a aparecer, todos devidamente atrasados, como manda o figurino. Como as mesas já estavam tomadas pelos “arrumadinhos desconhecidos” (obviamente, convidados especiais dessa tal instituição, mas totalmente estranhos àquele ambiente), os únicos locais vagos eram os espaços entre elas, que eram prontamente ocupados pela fauna local típica, esses amigos músicos, sempre atrasados e mal arrumados, mas bonitos, com normais e decentes narizes que apontam para frente, não para o alto.

Percebi que eles também se enchiam do mesmo desconforto que eu. De braços cruzados, já estava com vontade de abandonar o local, quando percebi as paredes: Estava havendo também uma pequena exposição fotográfica no local, com 20 imagens em preto-e-branco, ampliações 20x30cm em molduras de alumínio.

Eram fotos de crianças negras e brancas, pobres, sujinhas, em situações diversas, todas exibindo felizes sorrisos em suas bocas. Estas imagens me atingiram como um torpedo, e clarearam minha visão. Parecia algo proposital, como se o organizador daquele evento quisesse montar um grande quadro de absurdos e contrasensos, com tantas inconsistências em um único local, para mostrar como podemos ser insensíveis e cegos. Certamente, eu já não queria mais estar naquele lugar, agora horroroso, que abrigava confortavelmente a tal “zelite cultural expectadora” sórdida, cujos narigões os impedem de ver além dos painéis dos seus carros “zero” e celulares da moda. “Fotos? Que fotos? Ahhh, aquelas ali, né? Nossa, coitado, ele é tão pretinho... ih, olha, tá descalço, né?!?”

Aquelas fotos de crianças não mereciam estar ali, em meio àquele desfile vomitante de egos. As imagens tentavam em vão ensinar algo, tentavam mostrar a aquele pessoal metido que há problemas sérios lá fora. Mas ali, em meio à boa música, boa comida e “boa gente”, tal elite notável não precisava sequer pensar naquilo, não é mesmo? Era só não olhar para as paredes que tudo estava resolvido.

Eu observava as fotos e me revoltava quando, de repente, meus devaneios críticos foram bruscamente interrompidos. Um dos garçons, educadamente, aproximou-se de mim e disse:

- “Senhor, aquele casal ali daquela mesa pediu que chegasse um pouco para o lado, pois está atrapalhando a visão do palco...”

Foi a gota d’água. Sem olhar para trás, virei-lhes as costas e fui embora. É uma pena, não sei se volto lá. Os fazendeiros me espantaram da lavoura.

O Autor

Hudson Malta, 37, morador de Teresópolis/RJ, tem na fotografia amadora o complemento natural de uma arte que começa na sua infância: o desenho artístico. Sempre envolvido com artes e atividades na natureza, procura trazer para seus registros fotográficos uma compreensão de luz e tema típica dos desenhistas, onde os contrastes fortes e marcantes estão sempre ligados à imagens que trazem mensagens objetivas.

Em 2007 alcançou vários resultados significativos em importantes concursos fotográficos, dentro e fora do Brasil. Vivendo cercado das montanhas e florestas da serra fluminense, certamente possui uma fonte inesgotável para sua busca por imagens surpreendentes da natureza e do homem.